Depois de decisões tomadas por 40 especialistas de arte do Continente de eliminar a Bienal Latino Americana de São Paulo, permanecendo a tradicional mostra internacional, surgem novos dilemas, com questões tornadas diante da possibilidade de não haver sem mesmo o próximo edição — a XVI Bienal Internacional de São Paulo. Nos 30 anos de tumultuada existência, a Fundação Bienal sem acumulando uma série de problemas que ameaçaram as mostras de arte plástica. Um deles: como promover a espaço físico de 32 mil metros quadrados, que custa mensalmente aos cofres públicos milhares de cruzeiros? Sistematicamente vários críticos cobram da Fundação Bienal uma programação constante, que estivesse aberta a todas as manifestações artísticas, o exemplo do que ocorre na Bienal de Veneza, que mantém ateliês, cursos de artes, cinema, fotografia. O atual presidente da Fundação Bienal, Luiz Villares, acredita que seria possível um projeto semelhante em São Paulo e, para isso, já está estudando um projeto, que prevê o funcionamento do pavilhão da bienal durante todo o ano, a partir de março próximo.

Renovação, promessa para a Bienal

Uma encruzilhada

A XVI Bienal Internacional de São Paulo deverá realmente acontecer no próximo ano, no mês de outubro. Quem garante é o seu presidente Luiz Villares que, junto com o Conselho de Arte e Cultura tentam definir as diretrizes e as tendências da próxima mostra.

A Fundação Bienal sempre teve diretoria e conselho instáveis, sendo que grande parte de seus membros não chega nem a cumprir o período para o qual foi designado. Desta gestão, já se demitiram do Conselho de Arte e Cultura, Roberto Freire, Fernando Milan e Aracy Amaral (vide artigo ao lado) e, para ocupar seus lugares foram chamados Walter Zanini, Donato Ferrari, Paro a vaga de Fernando Milan, a diretoria indicou o nome do ex-vice-presidente Luiz Villares, e foi aceitou.

Pouca coisa está definida para a décima sexta bienal, mas Luiz Villares afirmou que a questão do tema, por exemplo, que tanto preocupa os artistas, já está praticamente decidido: "Não haverá um tema central. Nem se tentar discutir certas tendências da arte, de forma generalizada". Para a próxima mostra Villares anuncia uma novidade: "Os convites serão feitos aos países, com uma exigência prévia, indicando em que tipo de arte o Brasil está interessado". Anteriormente o país convidado era quem escolhia os artistas e suas obras, e não havia uma unidade de leitura: "No próximo ano trabalharemos ligados às várias tendências.

Os protestos por falta de verbas são um fato comum a todas as bienais internacionais que, por muitas vezes, justificam a pobreza da mostra, através das cifras. "Quanto a isso, São Paulo pode ficar tranquila", pois Luiz Villares afirma que a bienal espera que os governos — estadual e federal — cumpram sua promessa de liberar verbas, que seriam acrescentadas àquela com a qual a entidade sobrevive hoje, e que na sua maior parte provém da prefeitura de São Paulo.

Outra novidade anunciada por Luiz Villares: a partir de março, o prédio da bienal permanecerá aberto durante todo o ano, quando promoverá, além da tradicional mostra de artes plásticas, espetáculos de teatro (que começaram este ano), cinema e música. "Já estamos estudando vários projetos que incluem cursos de arte, que serão ministrados por artistas".

A Bienal Internacional de São Paulo completará 30 anos, no próximo ano. Mas, ao invés de uma festa bem comportada, Luiz Villares promete uma mostra agitada, com muitas performances, vídeos e intervenções nos moldes dos salões de vanguarda.

Luiz Villares, otimista

ARACY AMARAL
Especial para o Estado

Jurdicamente falando, Matarazzo Sobrinho fez da Bienal de São Paulo uma fundação. Porém, na realidade, trata-se de uma fundação sem fundos, o que chega a ser uma ironia brasileiríssima. Ou seja: a bienal não possui bens de qualquer natureza que ajudem a sua manutenção. Assim, de fundação só tem o nome, e para fazer o mínimo (que não as bienais) depende do Estado e do Município. "Após mim, o dilúvio": mortos o pai dominador, os filhos que se arrebentem, posto que crias do paternalismo. Matarazzo mostrou, assim, que muitos de seus opositores tinham razão. Fazendo da bienal uma fundação talvez desejasse prever um estatuto para que posteriormente pudesse ser doada de bens? Ele porém não o fez. Cicelio criou, é certo, um segundo museu, ao fazer a doação da coleção do MAM de São Paulo à USP, dando nascimento ao MAC da USP (até hoje sem sede própria, apesar do valor de sua coleção, pois para a preservação do patrimônio cultural não há verbas nem vigilância, na mentalidade atual brasileira), desgastado com a indiferença pela cultura também por parte da classe empresarial a partir de sua experiência individual. Contudo, em relação à bienal, Matarazzo preferiu agir de forma diferente, pois nem sequer a entregou diretamente ao Estado.

Tudo entanto, em vários círculos do Brasil de hoje ainda persiste a inexplicável idéia de que a Bienal de São Paulo reúne uma experiência de 30 anos de realização. O que não corresponde à realidade pois cada Bienal é "uma exposição que se faz", e a cada realização uma equipe se retira e entra outra. E não há nem experimentado como nos 10 primeiros anos de fato existiu, e nem mesmo uma secretaria que garanta um mínimo de estabilidade. Assim, a única experiência que se mantém é a do grupo que faz a montagem física da mostra, e não da entidade em si. Que não está conceituada, em termos de atualização, nem possui uma estrutura necessária a uma entidade cultural. E a maior parte das pessoas ligadas aos meios culturais do País reconhece bem que esse tipo de exposição não é mais necessária. E seria tempo de saber mudar, posto que o recado das bienais concebidas nos anos 50 já foi dado.

Daí porque o que está em jogo no momento não é, certamente, a bienal de 1981. O que se questiona e se desejou ver renovada é a estrutura mesma da Bienal de São Paulo. Pois uma bienal improvisada já se fez há mais de 20 anos e o seu atual presidente também poderá fazê-la. Luiz Villares percebeu isso ao assumir a presidência da Fundação Bienal de São Paulo em fevereiro último. Tanto que declarou grandes alterações na entidade em seu discurso de posse. Atraiu, assim, colaboradores para essa "nova etapa" da Fundação. Mas, nada aconteceu, apesar dos projetos efetivamente elaborados, prevendo a participação de empresários na bienal, o diálogo direto com entidades culturais e não mais via oficial no preparo das mostras internacionais, e, finalmente, a sua estruturação em setores diversos, com funcionamento permanente a fim de dotá-la, como uma entidade cultural real, de atuação constante em nosso meio. E não mais um mero atributo de "produtor" bienais. Mas o discurso de posse parece não ter previsto um detalhe importante: há uma distância enorme entre saber o quê se deve fazer, e como fazer.

Como o atual presidente não conseguiu, até o momento, levantar fundos suficientes para dar tratar internamente a estrutura da Fundação Bienal, o projeto elaborado para a sua reestruturação, como o projeto de reforma do edifício pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, foram para a gaveta. E agora, como sempre, o problema é de dinheiro. Existe, até mesmo, na Bienal 81... Talvez, no fundo, Luiz Villares ainda esteja indeciso em relação a quais as alternativas que deverão ser tomadas e como enfrentar o Grande Conselho para conteirá-las. Mas, neste meio tempo, tem acumulado pessoalmente as funções de Conselho de Arte e Cultura e de diretor cultural da entidade. Quando, a nosso ver, dever-se-ia concentrar na tentativa de levantamento de fundos que, em definitivo, ou só provê a temporariedade, e então pode presidir a bienal, ou os provê o Estado. E, neste caso, seria difícil continuar a explicar a razão do empresariado à testa da Fundação.

Quais as garantias que hoje a Bienal de São Paulo pode oferecer como estrutura, se não a de ter sido reorganizada ou seja de imediato corrigido, já agora em sistema de emergência? Esse organismo estável como entidade cultural já foi solicitado em outro período também pelos críticos presentes à Reunião de Consulta de Críticos de Arte do Continente, reunidos em São Paulo a convite da própria bienal nos dias 16, 17 e 18 passados, como uma condição a infundir confiança para a presença dos diversos países nos próximos certames, em virtude das falhas que se acumulam há anos, deslustrando sua imagem no Exterior.

No momento, a presidência da bienal não respondeu a essas interpelações diretas, e nem talvez o pudesse fazer. Mas o problema da bienal é que ela não está em jogo uma imagem pessoal a ser preservada, mas interesses coletivos, posto que se trata de dinheiros públicos.

Nossa sociedade tem carências abismais, também na área cultural. E há, por certo, iniciativas que poderiam enriquecer o grande público. Pensemos nele, o grande público, e não mais apenas no meio artístico, de produção esotérica e elitista. Pensemos em projetos culturais mais abrangentes e motivadores, sem preconceitos.

O projeto de um grande encontro latino-americano bienal ou trienal em São Paulo teria atendido a esse fim, caso a votação da reunião ocorrida não tivesse favorecido uma postura "internacionalista" e, de certa forma, tradicional, para as próximas bienais. A idéia que defendíamos era a da permanência de um grande festival — que substituiria a atual concepção de "bienal" — em que a classe média-média e até média-baixa também ali se encontrassem, pois se informassem, a ele se vissem, atraídos, com apresentações, concentradas em 40 dias, de espetáculos de teatro, cinema, música popular e erudita, danças, exposições de fotografia, livros e artes visuais de toda a América Latina. Uma manifestação não mais centrada exclusivamente nas artes visuais. Estas, por sua própria natureza e pela iniciação que se impõe para sua apreciação, somente podem atrair a um pequeno núcleo de produtores sofisticados, e às classes dominantes, social e financeiramente falando. O que não parece razoável para o momento que este País e o mundo atrevessam.

Artes Plásticas

ELVIO RICHERONI — A crítica especializada destaca em Elvio Richeroni, artista italiano que divide seu tempo entre seu país e o Brasil, a versatilidade de seu trabalho, que se manifesta em vários materiais, como na pintura sobre tela, isopores, cerâmica, metais, gravura em arte em aço, em aço e ouro, em papéis diversos, desenho de 1970 a 85, na Paulo Figueiredo, Galeria de Arte (al. Santos, 2.073, a partir de hoje, às 21 horas (até o dia 5 de dezembro). De 2ª a 6ª feira, das 13 às 21 horas, aos sábados das 10 às 13 horas.

GREGORIO — A exposição do jovem artista pernambucano Gregório Soares, de 21 horas, marcando o encerramento da programação cultural da Galeria ab Khaos, Rua Bandeira Paulista, 530 (Itaim Bibi). Gregório mostra 23 trabalhos a óleo e cerca de dez aquarelas, onde procura evidenciar passagens, em sintonia com o mundo contemporâneo. A Galeria Board funciona em seis e pode ser visita das 14 às 20 horas (das 10 horas às 18 horas nos sábados).

ISMAEL ASSUNÇÃO E ANTONIO CARLOS RAMPAZZO — De hoje até a próxima dia 2º de novembro, na Espaço Cultural Santa Cecília (Rua Apinajés, 215, Bloco C), stand-ação de desenhos e pinturas de Ismael Assunção e Antonio Carlos Rampazzo, homens de arte artesa pesquisa com a organização das formas, a rigor, as narrativas. Antonio Carlos, por sua vez, mostra pinturas de cunho abstrato, com ênfase ecológica. Ambos incluem a exposição em Santo André.

A MOSTRA DE ARTE DE RUA DOS BANCÁRIOS DE SÃO PAULO — Hoje e também no próximo dia 23, a 13 horas, o pedestre da Rua dos Bancários pode ver a mostra de arte de rua de São Paulo no Museu da Casa Brasileira (av. Brigadeiro Faria Lima, 2.705). Amanhã e também no dia 23, das 9 às 15 horas, Maria Ramos Bacica discorre sobre os movimentos artísticos ocorridos em São Paulo de 1930 aos nossos dias. A promoção é da Secretaria de Estado da Cultura, com entrada livre ao público.

COMEMORAÇÃO DOS 40 ANOS — Hoje a partir que a Secretaria de Estado da Cultura abre hoje, no Paço das Artes (av. Europa, 158), exposição de Lothar Charoux, do escultor Victor Brecheret e do poeta Mário de Andrade, por ocasião das comemorações da Semana de Arte Moderna de 22. A exposição pode ser vista até 31 de dezembro, de terças a domingos, das 13 às 20 horas.

EDUARDO IGLESIAS lança hoje à noite, às 20 horas, no Espaço Fundação Austin, 1311 e apresenta "Caminhos Solitários", com litografias acompanhadas de textos de Antonio Zago. As litografias de Iglesias foram inspiradas no Yosaku Antonio Zago, de Lucas Santos.

PRÉSÉPIO DE BONECAS — A Galeria de Arte Aliança Francesa (r. Fernandes Tomás, 74) inaugura hoje, às 21 horas, a mostra "Presépio de Bonecas", com 36 presépiagens de Jacqueline Martin-Ernst, inspiradas em calendários e Christine Fontanel e Fabienne Ludomes. A mostra pode ser visitada até 27 de novembro, de 2ª a 6ª das 8 às 21 horas e aos sábados, das 10 às 14 horas.

LUIZ KOMODA E TAKEO SAWADA expõem suas obras até 21 de novembro na Galeria Cultura (r. Libero Badaró, 39). Komoda discute em suas telas as situações ou contradições da vida; Sawada registra a paisagem do seus poemas, seguindo a técnica impressionista. A exposição pode ser vista em horário comercial.

RAFAEL MAIA ROSA — De 30 de novembro, a Cooperativa dos Artistas Plásticos de São Paulo (r. Joaquim Floriano, 466) expõe 13 telas de Rafael Maia Rosa. Rafael, que não apresenta suas pinturas há dois anos, desde sua mostra no Masp, retorna agora a forma e o movimento no abstrato. De 2ª a sábado das 14 às 22 horas e aos domingos, das 15 às 20 horas.

Fotografia

DARIO DE FREITAS inaugura hoje a exposição "Tipos Ingleses" no Masp (av. Paulista, 1578). O tema da mostra fotográfica é a linguagem visual da cidade de Londres isolada pela câmara de seu significado cotidiano. Letreiros de bares e lojas, placas de carros, pessoas curiosas, latarias de ônibus e grafites ganham nova dimensão gráfica, e também um sentido lúdico nesse estudo da tipografia inglesa, dedicado a Jader Estevão, autor intelectual e um lay-out para um livro sobre as letras expostas. A mostra estará aberta ao público até o dia 2 de dezembro.

SALÃO INTERNACIONAL — Com 2.422 fotos inscritas de 754 artistas de 30 países, o 37º Salão Internacional de Arte Fotográfica está dividido em três categorias: ampliações monocromáticas, ampliações em cores de slides coloridos. A coletiva pode ser vista até o fim do mês, no Salão Foji de Arte Fotográfica (rua Maior Diogo, 670).

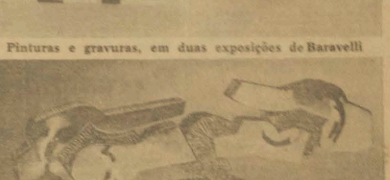
COLETIVA NO SESC — O Centro Campestre do Sesc (avenida das Jaboticabeiras, 1.100) mostra até o fim do mês as 30 fotos que fazem parte da Exposição de Arte Fotográfica do Foto Cine Clube Bandeirante, e que reúne 14 profissionais.

RITA DE TOLEDO — O trabalho de Rita de Toledo está vinculado a uma documentação ecológica realizada em Mació, sobre os peixes da região. As fotos em branco e preto, sem colorido feitos a partir de cromos confeccionados nos Estados Unidos, revelam uma dupla preocupação — pesquisa e gratuito. Na galeria Fotoptica (rua Bela Cintra, 1.465) até o dia 6 de dezembro.

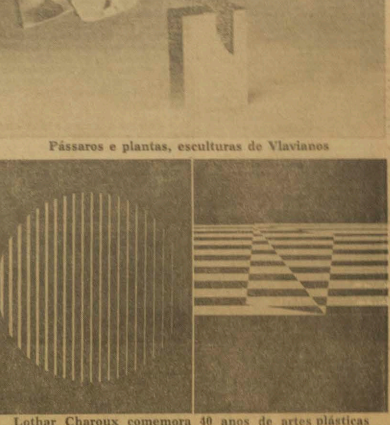
ANTONIO CARLOS BÁSSO — "Bahia Literária" é a mostra organizada pela galeria Jasmim (rua Haddock Lobo, 232) que reúne o ensaio fotográfico de Antônio Carlos Bássio. Até o fim do mês.

ROMULO FIAMDINI expõe 35 fotos em preto e branco realizada nos últimos dez anos no centro de São Paulo. O artista não dá o nome à exposição, mas explica que "são apenas detalhes da cidade grande". A exposição está na Ômega (av. Brigadeiro Luiz Antonio, 4.469) e poderá ser vista até o dia 23.

Pinturas e gravuras, em duas exposições de Baravelli



Pássaros e plantas, esculturas de Vlavianos



Lothar Charoux comemora 40 anos de artes plásticas

Pintura e escultura, os destaques

As esculturas metálicas de Nicolas Vlavianos, as pinturas sobre madeira de Luiz Paulo Baravelli e os 40 anos de arte de Lothar Charoux são os destaques das galerias de arte de São Paulo nesta semana. Na Skultura Galeria de Arte (al. Lorena, 1539) que também aproveita a oportunidade para comemorar seu quarto aniversario, Vlavianos inaugura hoje, às 21 horas, uma exposição de suas mais recentes esculturas, explorando o tema pássaro-planta, não nos seus aspectos individuais, mas com uma visão sintética do universo. A mostra fica na Skultura até 3 de dezembro. Na Galeria Luisa Strina (r. Padre João Manoel, 974A), também hoje, às 21 horas, é inaugurada a exposição de pinturas de Baravelli, que podem ser vistas até o dia 13 de dezembro. Paralelamente, na Livraria Universo (r. João Cachoeira, 261), várias de suas gravuras estão em exposição e à venda, com até dez cópias cada. Os 40 anos de pintura de Lothar Charoux são comemorados a partir de hoje, às 21 horas, e até 29 de novembro, na Lúcio Galeria de Arte (av. Faria Lima, 1684) com telas, desenhos e serigrafias, além de esculturas em poliester.

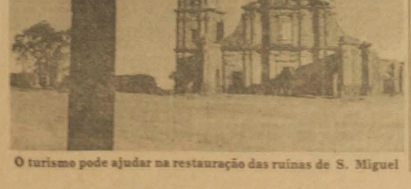
Unesco apóia restauração das ruínas de São Miguel

O projeto de restauração das ruínas de São Miguel, no Rio Grande do Sul, vai contar com o apoio de técnicos da Fundação de Ciência e Tecnologia (Cientec), que na próxima semana iniciam levantamento com esse fim. O local também foi visitado, no domingo, pelo professor italiano Roberto Di Stefano, especialista em restauração da Universidade de Nápoles e da Unesco.

Construída nas primeiras décadas do século XVIII, a Redução de São Miguel foi destruída por um incêndio (atead por seus próprios habitantes) em 1756, durante o ataque final dos portugueses contra os jesuítas e os povos guaranis. Em 1966, técnicos do governo fizeram um estudo em São Miguel e descobriram que a fachada da igreja principal da Redução, que ainda está de pé, juntamente com a torre e algumas arcadas internas, apresenta uma inclinação de 60 centímetros, podendo desabar. Isso ocorreu devido à erosão do barro nas junções das pedras.

Agora a Secretaria do Patrimônio Histórico recorre à Cientec e à Unesco para salvar o que restou das ruínas. Os estudos da Cientec vão servir de subsídio para que Di Stefano escolha a melhor forma de eliminar a inclinação e manter a fachada em pé. Isso poderia ser feito com uma estrutura de ferro e concreto por dentro das paredes já existentes, que depois seriam recobertas com as pedras originais. Outra solução seria a injeção de concreto nos locais em que o barro foi erodido, recolocando as pedras na posição original. Finalmente, e "em último caso", como diz Stefano, as ruínas poderiam ser desmontadas pedra por pedra e remontadas na posição original. Mas, a princípio, o técnico da Unesco descarta essa possibilidade.

Ele afirma, também, que até agora o governo brasileiro se preocupou em "maquilar" as ruínas, colocando-lhe holofotes à frente sem se ocupar da sua preservação. Para ele, essa atitude corresponde à de "maquilar uma pessoa que está morrendo". Di Stefano observa, ainda, que a recuperação das ruínas é rápida. Mas teme a burocracia brasileira, que poderia atrasá-la e ameaçar a integridade do conjunto. O técnico sugere que uma medida para recuperar e preservar as ruínas seria a exploração turística do local.



O turismo pode ajudar na restauração das ruínas de S. Miguel

Empresa copia obras de arte

Uma exposição de cerâmica, muito festejada por colunistas sociais do Recife, revelou o pintor e ceramista pernambucano Francisco Brennand para um detalhe insólito: algumas das peças mostradas pela Galeria Vivenda não tinham sua assinatura, contudo eram muito semelhantes às produzidas na sua oficina a ponto de clientes desavisados confundirem a autoria. Os cinzeiros, pratos, jarrões e esculturas eram rubricados com os nomes de "Domingos" e "Cristina".

Para Brennand, que não expõe há quase dez anos, mas já participou de mostras no Exterior, e nos principais centros brasileiros, a maior surpresa foi a entrada no mercado artístico de uma empresa — a Cerâmica Santo Antônio — reproduzindo obras suas em grande escala e a preço módico (1/3 do da peça original). O ceramista teme que, como conseqüência disso, haja uma desvalorização seu linha das suas peças. A situação se agrava, segundo ele, porque o artesão José Domingos trabalhou sob sua coordenação, o que lhe permitiu uma melhor manipulação da cerâmica estilo "Brennand".

A artista Cristina Cabral da Costa Maranhão, que também reproduziu o "Fiscal" Brennand, é, segundo o artista, membro de duas famílias tradicionais de Pernambuco, iniciou-se na carreira de ceramista apenas "para fugir ao tédio". Contudo, aperfeiçoou-se e hoje utiliza o material e os fornos da Cerâmica Santo Antônio, pertencente à família de seu marido, que já foi acusado tempos atrás pelo pintor de fabricar ladrilhos com desenhos iguais aos produzidos na sua oficina.

Indignado com as reproduções, Brennand afirma que sua preocupação maior não é pela cópia do seu estilo que, segundo ele, serviu a alguns pintores e ceramistas, mas a possibilidade da produção em grande escala, usando formas, traços e cores semelhantes às suas. Como exemplo, citou a produção mensal de ladrilhos vitrificados da sua oficina, situada em torno de cinco mil metros quadrados, enquanto uma grande cerâmica, como a Santo Antônio, alcança 60 mil metros quadrados por mês.

Cristina Cabral da Costa Maranhão não quis fazer qualquer comentário sobre as acusações do ceramista. Mas Brennand está disposto a defender sua arte e não aceita ver suas obras reproduzidas em grande escala.

Sony.
Você imaginaria outra marca nestas belezas?

Estéreo Receiver STR-434BS

Quando a Sony coloca toda a sua tecnologia para trabalhar, o resultado é sempre este: aparelhos muito bonitos e com incrível perfeição tecnológica. E exatamente assim com o novo Estéreo Receiver STR-434BS de 200 watts.

Ele tem sintonizador analógico conjugado com o digital. Para você sintonizar da melhor maneira sua estação preferida. A potência fornecida pelo amplificador é indicada por pequenas luzes, os Leds. Ele também é equipado com as chaves Hifilter e Loudness. E com o novo STR-434BS você pode usar esta comodidade: memória para 5 estações FM e 5 AM. Quem está pensando em um novo Estéreo Receiver precisa ver de perto esta beleza da Sony.

Toca-discos PS-T20BS

A Sony projetou este novo Toca-discos PS-T20BS para você escutar seus melhores discos com muito conforto: ele é totalmente automático.

E para evitar que a poeira também faça parte da audição, o PS-T20BS funciona totalmente com a tampa de acrílico fechada: os controles são externos.

Quanto à reprodução, fica tudo garantido pela eficiência da cápsula Sony XL-15, que reproduz freqüências numa escala de 10 a 30.000 Hz. Mas técnica não é tudo. E, como beleza é fundamental também para a Sony, venha ver numa loja de som como se combina alta performance com o melhor design. Conheça estas ótimas belezas da Sony na loja de sua preferência.

SONY.
Para sem Sony